

GERONTOFOBIA DESAFIO MULTIPROFISSIONAL

Lidiane Souza De Macena Dezidério¹

Ana Karina da Cruz Machado²

INTRODUÇÃO

O mundo tem passado por profundas transformações socioculturais, por novas representações subjetivas e demonstrações de sofrimento psíquico, ocasionando um grande impacto e repercussão no fazer clínico e psicológico ao qual tem exigido maior compreensão e movimentos singulares.

O envelhecimento assusta muitas pessoas na sociedade moderna sendo assim, no Brasil não seria diferente a essa tendência, homens e mulheres fazem um constante esforço para retardar o envelhecimento. Segundo Areosa; Bulla, (2008) o envelhecimento da população brasileira, é um dos grandes desafios a serem enfrentados, nesse sentido, é estimado, que no ano de 2025 o Brasil terá 30 milhões de pessoas com mais de 60 anos ou aproximadamente 15% da população, será o sexto país em número de idosos.

Bauman (2014) aponta essa cultura ao novo, ao qual o mundo moderno tanto cultua, como reflexo da desvalorização do velho. É a cultuação ao novo, a novos tempos, novos cenários que enaltecem o ser humano e sua necessidade de consumir, de ter, de ser. Tornando-se cada vez mais pessoa sem vontades próprias, sem sentimentos e sem a valorização do seu mundo, do seu tempo.

Mesmo o envelhecimento humano sendo inevitável, sua compreensão ainda é singular, existindo indivíduos que se sobressaem pela angústia e ansiedade com que alimentam e sustentam essas alterações, evitando ao máximo ir de encontro a essa realidade. Para Souza et al. (2007), o envelhecimento e, particularmente a velhice, tem a possibilidade de ser considerada um momento crítico no ciclo da vida, pois representa a mudança.

Cabe salientar que envelhecer pode enfatizar para alguns, o medo da finitude. Dessa forma, havendo o desejo de não envelhecer em um indivíduo, refletindo seu desejo por ser jovem, imortal. Fazendo com que as questões relativas ao envelhecimento se encontrem como problemáticas, sentindo-se humilhado ou desfavorecido, sem importância social, apenas pelo fato de estar velho, esse fenômeno cada vez mais crescente na sociedade chama-se gerontofobia. Mede de envelhecer e medo do que o envelhecer possa representar na vida de quem não está preparado para isso.

O presente trabalho tem o objetivo principal de destacar a importância de falar sobre o desafio da gerontofobia e seus impactos na sociedade, ressaltando a fobia em envelhecer como um desafio para os profissionais em uma perspectiva multidisciplinar.

Assim, esse trabalho se configura como um Artigo de Opinião (texto dissertativo-argumentativo), como objetivo de contribuir para as ciências Psicológica e neuropsicológica, em relação ao advento da terceira idade e suas implicações, bem como a importância de serem realizados mais estudos sobre esse tema em outros campos de pesquisa, como a geriatria e a gerontologia. Dessa forma, ter-se-ia a possibilidade de olhar para o ato de envelhecer, como uma etapa natural da vida e não, como algo indesejável, fóbico!

¹ Graduada em serviço social ;

² Mestra em educação

METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão de literatura por meio de artigos científicos, na base de dados de bibliotecas digitais e plataformas online como a Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e consultados sites do Ministério da Saúde e dados da Organização Mundial de Saúde.

Quanto aos critérios de inclusão utilizados, artigos com os descritores medo de envelhecer, gerontofobia, fobia de envelhecer e envelhecimento e medo.

Foi realizada uma busca em artigos na língua portuguesa e inglesa.

O período de construção do artigo se deu entre os meses de maio a junho do ano em curso.

O ano de publicação não foi um critério estabelecido como importante, tendo em vista que todos os artigos que tinham relevância foram primariamente considerados, pois a temática Gerontofobia é nova, e ainda é restrita, e por se tratar de um assunto novo, onde não existem variedades consideráveis de publicações todos os artigos envolvendo os descritores buscados foram considerados.

Após a leitura de 15 trabalhos, foram selecionados 11, aos quais foram incluídos nesse estudo.

Os critérios de exclusão foram aplicados quando encontrados artigos incompletos.

DESENVOLVIMENTO

Neri (2001) assegura que se deve observar o envelhecimento de três formas: a psicológica, biológica e social, a idade biológica refere-se ao tempo que ainda resta ao organismo para viver, concebendo o possível de cada indivíduo ao desempenho dos papéis esperados para as pessoas de mesma faixa etária. Este envelhecimento pode trazer preocupações trazendo distanciamento em alguns indivíduos, já a idade psicológica apresenta relação com que cada indivíduo se distingue, levando em consideração seus aspectos biológicos, o social e psicológicos baseiam-se em comparações igualitárias em alguns momentos, um está interligado ao outro.

O indivíduo durante o processo de envelhecimento, vai apresentar o seu curso de vida particular dependendo dos espaços sociais os quais estiver inserido. Independente das causas que levam o envelhecimento e a individualidade do fenômeno no que se refere as variações individuais, o ser humano que se encontra em uma idade mais avançada vai apresentar algumas características marcantes e pessoal, o envelhecimento não será da mesma forma para todos.

Não é de hoje que se ouve falar de indivíduos que não conseguem lidar com a passagem dos anos. Estar envelhecendo requer ajustamento pessoal e social, podendo ser compreendido através das condições precárias da educação e da saúde, ao longo do curso da vida. Por isso, se faz importante planejar uma perspectiva do curso da vida, pois é desejo dos que estão envelhecendo e dos que já alcançaram a terceira idade, terem a condição de envelhecerem mantendo a qualidade de vida e independência.

Chegar à terceira idade sendo assistido em todos os campos da vida humana faz com que o idoso tenha antecipada preocupação olhando o ato de envelhecer com um medo irracional, bem como, de tudo que se relaciona com a velhice (gerontofobia). Dessa forma, envelhecer torna-se um fardo quando existe um desconhecimento generalizado (inclusive por parte do público idoso) sobre o que seria de fato a velhice e com isso, ser a possível causa, dentre outras,

para a formação de atos discriminatórios, além da formação de natureza perniciosa, de estereótipos (KARPF, 2014).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2016), a população idosa vai triplicar entre 2010 e 2050 esse aumento pode ser atribuído a melhoria da qualidade de vida, mais informações e interações sociais. Verifica-se que esses dados demográficos apresentam um crescimento também em consequência da diminuição da taxa de mortalidade e do declínio da fecundidade, essas mudanças afetam diretamente, e de forma muito significativa a estrutura etária da população e intensificam os problemas da sociedade demanda que trará para o serviço social muitos desafios.

Uma população torna-se idosa à medida que aumenta a proporção de indivíduos mais jovens, ou seja, para que um a determinada população envelheça, é necessário haver também uma menor taxa de fecundidade (NASRI, 2008, p.1)

Nesse sentido, o preocupante não é o processo de envelhecimento em si, mais as políticas públicas que perpassam essa temática, será que os profissionais e as instituições estão preparadas para essa proporção de idosos?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação à população de idosos no Brasil, Camarano (2002), afirma que calcula-se que nos últimos anos, tem acontecido um aumento da expectativa de vida dos brasileiros, como resultado de avanços na saúde, na redução da natalidade e pela diminuição da mortalidade.

O que se observa na verdade, é a juventude fortemente sendo enaltecida e a velhice excluída e estigmatizada em uma sociedade capitalista em que o idoso perde sua autonomia produtiva de bens e riquezas. Já como consumidor nessa mesma sociedade, consequentemente ele perde também, seu valor social (KARPF, 2014).

Em tempos modernos, a mídia tem difundido a ideia de envelhecimento como sinônimo de declínio do indivíduo, equiparando ao ato de consumir à garantia de eterna juventude e prestígio. E assim, o culto a beleza ganha campo quando relacionado à garantia de felicidade.

Para Borges et al. (2012), torna-se claro que os limites conferidos ao corpo humano deixaram de ser poupados, passando a aceitos, então, como produto, perdendo-se dessa forma a compreensão da significância da passagem do tempo para o estágio de “estar envelhecendo”.

Ou seja, o ato de envelhecer pode vir a gerar ansiedade nesse público e ser agravada pela mídia, aumentando dessa forma a preocupação com o tempo já vivido e seu entardecer, podendo evoluir para um transtorno de ansiedade fóbico, conhecido como gerontofobia ou gerascofobia.

A gerontofobia ainda não possui registro no CID-10 (Classificação Internacional das Doenças), sendo assim não é considerada diagnóstico. Contudo, é provável percebê-la na conduta de um indivíduo. Para Karpf, 2014, a gerontofobia é uma espécie de fobia, de medo persistente e anormal sem justificativa sobre o envelhecer e tudo que se relaciona com a terceira idade (até ficar perto de um idoso, por exemplo), ocasionando infelicidades, independente da saúde e da posição financeira do sujeito fóbico.

Para Rosa & Vilhena (2015), a forma como cada indivíduo reagirá ao envelhecimento provavelmente terá relação com suas primeiras experiências da infância, as quais serviram de fundamentos para os pilares da sua subjetividade.

Assim, quando o medo torna-se excessivo em situações que não representam uma real ameaça, nos encontramos diante de um medo patológico (GALDALARRONDO, 2008).

Já a fobia, normalmente é tratada como uma patologia e considerada uma doença psicológica. Ela leva ao medo mórbido, a repulsa e angústia intensa de algo em particular ou

até mesmo, um lugar, uma condição e etc. Ela é um sentimento exagerado de medo e aversão por algo ou alguém. Dessa forma, pode-se considerar a fobia um sinônimo de medo extremo (ANDRÉ, 2007).

Segundo L. Berger e D. Mailloux – Pairier (2005), no processo de envelhecimento são afetados todos os órgãos importantes do organismo, e o efeito dessas mudanças afetam o comportamento dos indivíduos, trata-se, no entanto, de processos normais, e não de sinais de doenças. O autor destaca em uma pesquisa feita no ano de 2008, que 63% dos entrevistados relataram que o medo de envelhecer, trazia a angústia de pensar na morte, na solidão, na institucionalização, e no abandono, no medo de ficar demente, medo do desamparo, medo das doenças, medo de mudanças incontroláveis, medo de perder a autonomia e principalmente perder a beleza da juventude .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvida, a velhice é uma trajetória nitidamente de experiências norteadas por metas, valores, crenças e maneiras peculiares que cada indivíduo idoso utiliza para interpretar o mundo, permitindo assim, um conceito novo do que hoje representa ser velho.

Diante de tantas mudanças que vem acontecendo no mundo, uma delas é comprovadamente a predominância cada vez maior do número de idosos em todo mundo. A contemporaneidade atesta que a população de longevos tem aumentado consideravelmente. O que é um acontecimento bom. Porém, o maior desafio não é só viver-se mais, é viver-se melhor.

É sabido que a maioria das pessoas não se vê envelhecendo, anseiam sim por sabedoria e experiência que geralmente podem advir de se viver longos anos, não desejando as diversas limitações que a idade senil pode trazer, não só no corpo, como também à mente e ainda, não desejam a morte. Assim, o medo do corpo e rosto de envelhecer, morrer e questões relacionadas com a beleza física, se transformam em fobia.

É preciso estar atento aos desafios imposto por esse público alvo e identificar quais os processos de fragilização e fortalecimento que podem ser usados a favor do próprio idoso. Quando falamos sobre o medo de envelhecer, estamos no remetendo a preocupação com o corpo, o medo do abandono, as doenças, incapacidade física e as demais transformações que fazem parte dessa fase da vida é importante intervir nesse momento, seja a família, um amigo ou uma equipe interdisciplinar de saúde para que esse medo não interfira no convívio dentro dos espaços sociais, tendo em vista que alguns idosos acabam se isolando, a estratégia é fazer com que esse idoso esteja cada dia mais envolvido com atividades, que tenham alternativas entre grupos.

Nesse sentido o maior desafio para os profissionais é buscar proposta de intervenção com o objetivo de contribuir nas diversas praticas existente, para que a expectativa de vida dessa população que esta chegando seja prazerosa, ativa e feliz.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, C. **Psicologia do medo: como lidar com temores, fobias, angústias e pânico**. Tad. de João Batista Kreuch. Ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 2007. 304p.

ARAÚJO, L. S.; PIMENTEL, A. A Concepção da Criança na Pós-Modernidade. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**. vol. 7, nº 2, junho, 2007, Belém-PA, p. 184-193. Acesso em: 06/07/2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Ed. Zahar, trad. Plínio Dentzien, Rio de Janeiro-RJ, 2014.

BORGES, C. N.; BUENO, M. G.; LIMA, T. M. Consumo, estética e saúde feminina nas páginas e discursos da revista Boa Forma. **Congresso de Ciências da Comunicação**. Campo Grande-MT. Anais. 2012, p. 1-12. Acesso em : 01/07/2018.

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. (Eds). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro-RJ, 2002. p. 58-71. Acesso em: 06/07/2018.

GALDALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2ª ed. Porto Alegre-RS, Ed. Artmed, 2008.

KARPF, A. **Como Envelhecer**. Rio de Janeiro-RJ, Ed. Objetiva Ltda, 2014.

Lima, A. M. M., Silva, H. S., & Galhardoni, R. **Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras**. Biblioteca Digital da Produção Intelectual – BDPI. São Paulo-SP, 2008. Acesso em: 30/06/2018.

MOTTA, L.B. **Processo de envelhecimento**. In: A. L. Saldanha e C. P. Caldas (Ed.), Saúde do Idoso: a arte de cuidar. 2ª edição. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. Acesso em: 28/06/2018.

Neri, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. Fundação Perseu Abramo. São Paulo-SP, 2007. Acesso: 30/06/2018.

ORSANO, F. E.; SALES, M. M.; BROWNE, R. A. V.; MELO, G. F.; MAIA, E. M. C. A prática de atividade física e sua influência sobre fatores de resiliência psicológica de idosas. **Brazilian Journal of Biomotricity**. v. 7, n. 1, p. 28-36, 2013. Acesso em: 25/06/2018.

Rosa, C. M., & Vilhena, J. (2015) Envelhecimento e seus possíveis destinos. Uma reflexão acerca do trabalho do negativo. **Revista do Tempo Psicanalítico**, 47(1), 112-133. Acesso em: 30/06/2018.

SAPIENZA, B. T. **Conversa sobre terapia**. Ed. Educ Paulus, São Paulo-SP, 2004.

SOUZA, R. F.; SKUBS, T.; BRÊTAS, A. C. P. Envelhecimento e família: uma nova perspectiva para o cuidado de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 3, p. 263-267, jan. 2007. Acesso em: 25/06/2018.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. **Revista Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 548-554, abr. 2009. Acesso em: 25/06/2018.